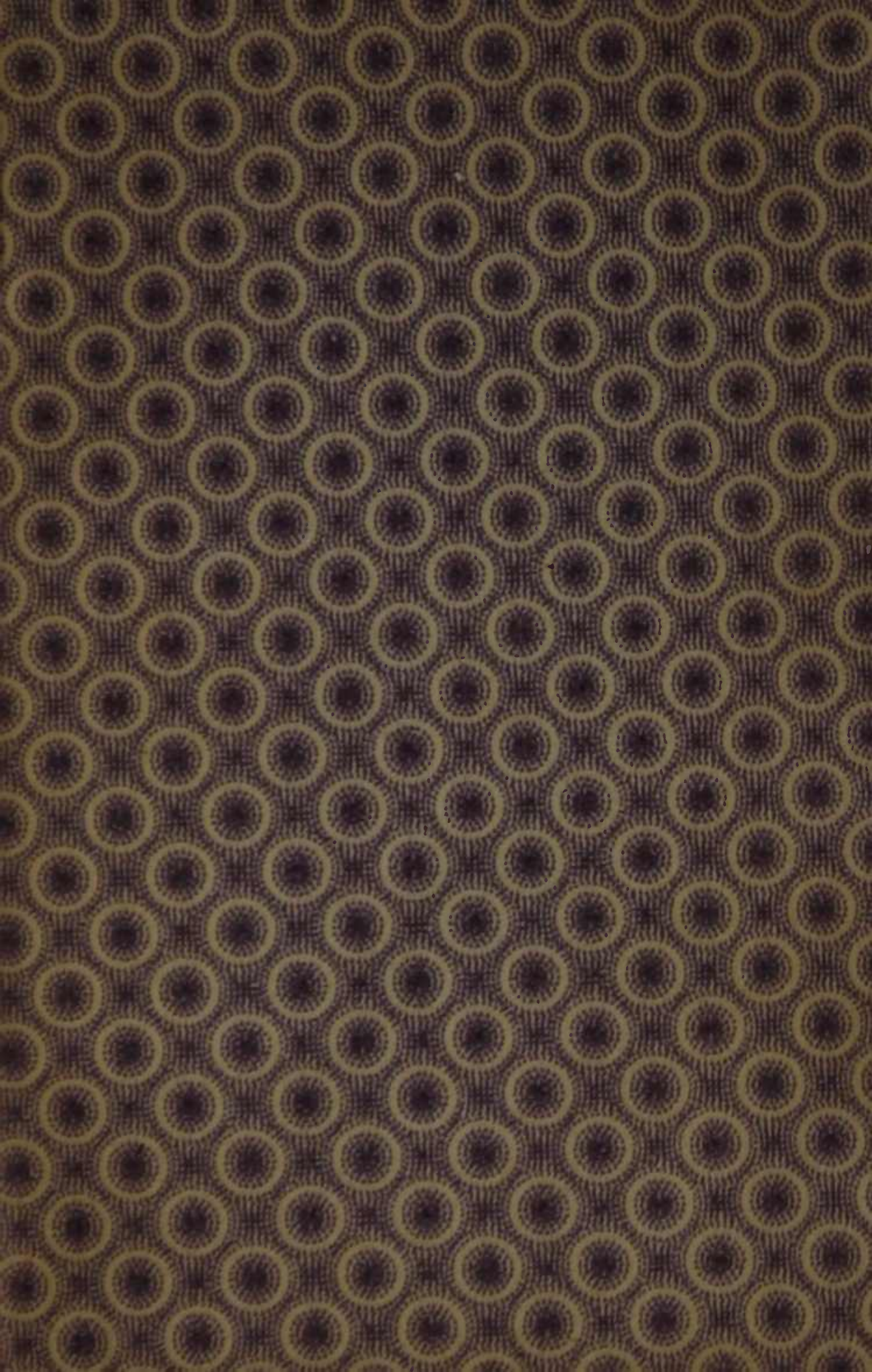


Le ne fay rien
sans

Gayeté

(Montaigne, Des livres)

Ex Libris
José Mindlin

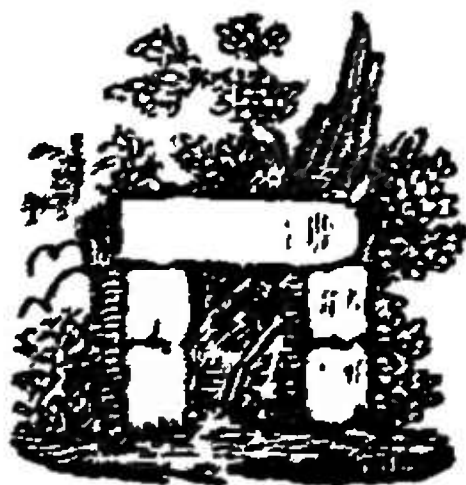


O
CAPITÃO SILVESTRE
E FR. VELLOSO
OU A
PLANTACÃO DO CAFÉ NO RIO DE JANEIRO
ROMANCE BRASILEIRO

Por Luiz da Silva Alves d'Asambuja Sthano

Dijé dolci.

Horax., art. post.



Rio de Janeiro

PUBLICADO E A' VENDA EM CASA DE
EDUARDO E HENRIQUE LAEMMERT

Rua de Quitanda, 77

PROLOGO.

Para entreter huns dias de plena ociosidade, escrevi este romance, fundado em factos verdadeiros da historia da descoberta e uso do café, que tão interessante se tornou para a nossa patria. Parece-me o assumto util e agradável, ainda que desviado da estrada ordinaria dos romances a. e comicos, para quem são as intrigas de amor o e o ponto de suas lucubrações: respeitando contudo este gosto e opiniao commum. desenvolvida sempre n'as a especie de composições, fingi em Desclieux este incentivo, nobre porém e generoso, que lhe valeu os trabalhos e sacrificios com que transportou de França a Martinica a planta do cafézeiro. Não dá pois o leitor por mal empregado hum quarto de hora que despender com a leitura d'este romance.

O CAPITÃO SILVESTRE

E FR. VELLOSO

Vice-reinando no Rio de Janeiro pelos annos de 1774 o Marquez de Lavradio, a quem tanto deve esta capital do imperio do Brasil, apresentou-lhe Fr. José Marianno da Conceição Velloso, religioso franciscano do convento de Santo Antonio. os primeiros fructos que colhia de um pé de cafezeiro, que plantara no horto do seu convento. Mui precioso que lhe fizera um seu amigo hollandez por nome Hipoman, queria Velloso fazer d'elle um dom á sua patria: homem de grande saber, perseguidor da natureza, conhecedor dos bens, dos mimos dadivosos que esta mãe modesta nos offerece, quasi sempre com um sorriso acanhado, que os encobre debaixo de algum véo, elle previa que era esta planta mais preciosa do que as minas de ouro de Villa Rica e de Goyaz, que então se exploravão com toda a arria.

Não era o Marquez de Lavradio menos um homem de Estado, do que um homem de gosto: pai das Letras, das Artes, da Agricultura no Brasil, congregava, como Augusto

nos tempos aureos de Roma, um circulo de sabios em seu palacio, onde ouvia e era ouvido em palestras geniaes, já sobre os attractivos das Bellas Letras, já sobre a civilisação, e a politica do Estado, que lhe fôra confiado. Nem era só o luxo e polidez, de que Luiz XIV na França fôra o mestre, e D. João V em Portugal o discipulo: era tudo a um tempo nobres edificios, construcções navaes, commercio com a metropoli, com as Indias, com a China: tudo se punha em obra, nada esquecia, nada se desprezava do que logo ou algum dia podesse dar proveito, podesse erguer ao auge do seu destino a bella Brasilia.

Já o doce açucar, o azulado anil, a rubra cochonilha vegetavão prosperando por toda a parte, e levavão do Janeiro ao Tejo em carracas enormes, boiantes armazens, os tributes magnificos da sua agricultura, e seu commercio. Recebia-se da India algum café, ainda de muito poucos conhecido e pouco usado.

Apresenta Velloso ao vice-rei as suas premicias: discute-se o seu merito, suas vantagens, sua cultura. Que fonte de riquezas! já toda a Europa a procura: já desde as Antilhas até Caiena correm pela America as cerejas da Arabia. Deve ser divulgada no Brasil: deve

ser recommendada a sua cultura, mesmo á custa de castigos: venção-se á força os deli-
xos da ignorancia, as zombarias da indolen-
cia. Não erão mais uteis as minas da Siberia:
e contudo cultivadas com muito mais rigor:
nem mais preciosas na Hespanha as Amorei-
ras, que no principio forão plantadas com
mais ardil e menos lucro.

Toda arte no principio he d'fficultosa
No meio facil. no fim delectosa.

Assim todo o bem, desconhecido no prin-
cipio, he tardio de acritar-se, e rebelde de
agradecer-se. Não recue porém o homem
bemfazejo; que quanta mais fôr sua cons-
tancia, mais acrisolado, mais nobre, mais
brilhante será seu galardão, sua satisfação
intima de ter feito bem á sua patria.

Manda Lavradio convidar á sala do palacio
alguns dos mais enriquecidos lavradores de
diversos districtos (bem certo de que pelo seu
exemplo viçario o seus vizinhos) e em pou-
cas e simples frases, que elles melhor com-
prehendessem, observa-lhes, que a cultura
do café era um ramo de lavoura de que de-
vião tirar grandes lucros para si e para o
Estado: que a Europa tinha aberto os seus
armazens á espera d'este grão delicioso, que
quanto mais elles o cultivassem, mais divul-

gado se tornaria para os povos, e mais lucrativo aos plantadores, e negociantes que n'elle traficassem. E dando a cada um d'elles algumas fructinhas, os abraça affectivamente, e os despede, recommendando-lhes que plantassem aquellas sementes para depois tirarem dellas outras, com que augmentassem a plantaçao.

Vagaroso era isto: e ainda depois de estendida a plantaçao precisava do trabalho do preparo, hum pouco cuidadoso, da semente antes de a dar em ao uso e ao commercio. A demora de anima, a preguiça desalenta, a ignorancia despreza: plantar hoje e colher logo amañã he a egotica aspiraçao do rustico imperito. Foião portanto as sementes desprezadas.

Hum d'estes miseraveis rusticos, senhor de engenho, capitao das ordenuanças, amigo do padre Velloso, apresentou-se lhe na sua cella no convento de Santo Antonio. Sua estatura ordinaria, carão ave melhado, nariz grosso, cabelleira enrizada, e fardão escarlate com ca'ção azul-claro abotoado com espiguilha de ouro, era por diante e por detraz o capitão Silvestre Ferreira de Barros.

— Deus graça!

— Póde entrar. Oh! gosto que esteja bom e bizarro.

— Vamos vivendo: graças a Deus.

— Já sei que brilhou muito com a sua festa do Espírito Sancto: que deu muita esmola, e um grande banquete.

— Fiz o que pude, e não tirei esmolas: nem hum real. Mas comerei com muito gosto, e acabei.... que nem quiz ir a festa para não aturar os desaforos do meu padre vigario, que he muito mal criado.

— O homem! porque? pois elle me pareceu sempre hum bom padre, e bom vigario.

— Engana-se Vossa Caridade: he hum catana. e dizem que já tem dous filhos. Eu não gosto d'elle desde que fui fazer hum baptisado, e na mesma occasião foi hum molequinho; que por mais que eu lhe pedi, elle nao quiz deixar de baptizar juntamente com o meu afillado, que era hum menino branco, filho da comadre Thereza Rosa, do sitio do Sungú. Ficámos desde então entre dentes, como lá dizem. Agora eu não pedi esmolas para a festa, nem adjutorio de pessoa nenhuma: á minha dona Joanna cansou-se, buscando ovos, fazendo doces, refinando assucar, ajuntando galliugas, leitões, perús, apromptando roupas, camas, toalhas.... em-

fim huma liça que ninguem pensa. E ainda os desavergonçados dizião que fiz huma festinha.

— Oh! não: antes dizem que Vossa Mercê brilhou.

— O vigario conluiou-se com os musicos que levei cá da cidade, e ajuntou povo na igreja. dizem lo que ia cantar vespera. A minha dona, ainda que estava muito occupada, sempre quiz ir ver: que antes lá não fosse. Quando o vigario apanhou a igreja cheia, e ella assentada lá em cima na capella-mór, e eu do lado da porta da sacristia com mais alguns amigos, todos de joelhos; começa, como quem cantava, dizendo — *Dei adjutorio para a festa, bem se entende.* — E os musicos responderão tambem em cantiga — *Dona Joanna fez huma festinha.* — Ficou a minha dona pelos ares, impando de vergonha! e eu qué não botava sentido na coisa, quando a vi tão afflicta, e hum musico de voz grossa gritando bem, e dando com a cabeça — *festinha, festinha;* — então cabi na maroteira do vigario, tirei a dona da igreja, e levei-a para casa com mocanbas e tudo, e muita gente que tambem sahio e deixou a igreja vazia. No outro dia não fui, nem quiz que ninguem da minha casa fosse á festa.

Quasi estalando de riso, diz o padre Veloso — Não di serão isso, senhor capitão: antes foi muito pelo contrario o que cantava o vigario e os musicos. Bem sabe que na igreja tudo o que os padres rezão he em latim. Isso que cantárão he huma oração que se reza a Nosso Senhor, quando se começão as vespervas. Olhe, aqui está no breviario (e apresenta-lhe hum rico breviario com letras pretas e vermelhas), pôde ler — *Deus in adiutorium meum intende*. Isto foi o que disse o vigario: e quer dizer — Deus vem em meu adjutorio. Os musicos responderão — *Domine, ad iuvandum me festina* — Senhor, apressa-te em meu soccorro. Vossas mercês entenderão mal, e suppozerao no vigario huma coisa que certamente elle não he capaz de fazer.

— Pois, padre, todos perceberão mui claramente, que como elle he que tinha inventado aquella vespera, e accendido a sua cêra (porque ainda não se'tinha botado a que eu levei d'aqui da cidade) por isso dizia que tinha dado ajutorio para a festa: e os musicos? esses então rasgadamente gritavão por razão da — *Dona Joanna fez huma festinha, festinha, festinha*. Agora se he outra coisa, se he ahi do breviario e do latim, não sei. Não fui eu só: meu irmão Pedro, meu compadre

Domingos, que he entendido, todos tomárão a coisa bem em grosso.

— Não senhor, digi-lhes que estão enganados; he como eu lhe digo, e que lhe mostro ahí no breviario, ou no missal mesmo, ou em qualquer livro de Horas Mariannas. Mas veio Vossa Mercê agora á cidade fóra de tempo: veio vêr como es á bonito o nosso Passeio Publico a bella cascata dos jacarés, o menino botando agua com o cágado, a linda rua d' flores e arvoredos....

— Ainda lá não fui. Vim, porque o vice-rei nos mandou chamar a huns poucos de Irajá, de Saquarema, de Surubhy, do Campo Grande, de toda a parte. Fômos á sala scuidando que era alguma coisa; e sai-se de lá o homem com hum açafatinho de fructas vermelhas pequenas, e en ra a dar huma meia duzia a cada hum para que fossemos plantar, que era coisa muito boa, muita riqueza para mandarmos para o reino. Ora vamos agora plantar fructinhas, e doidices da cabeça do vice-rei! En logo lá em baixo do palacio mesmo botei as minhas fóra: tomara eu plantar canna, que me importa cá de café!

— Fez mal, senhor capitão, de botar fóra essas fructas....

— E todos fizerão o mesmo, Se algum não

botou logo ali, foi botar lá mais longe. Todos se agouiarão de serem chamados lá de suas casas, incommodarem-se para virem buscar huma assueira para plantarem: huma coisa que não presta para nada. Se o vice-rei gosta de café, elle que o plante. Não diz que plantou tanta coisa no Passeio Publico? Pois plante lá o café, e quando fôr para Lisboa carregue: não se precisa cá d'elle: o que nos faz conta he assucar. No meu engenho então, que dá cannas, que nem en tenho tempo de morrer. Não quero outra coisa; nem mandiocas: com assucar se compra farinha.

— O café ha de dar mais lucro do que a canna: depois de plantado dura muito mais tempo do que o pé de canna: dispensa moendas, carros, bois, e caldeiras, dispensa muitas despezas, que se fazem com o cozimento do assucar, e dá muito mais dinheiro huma arroba de café, do que huma arroba de assucar. O vice-rei manda plantar, porque se conhece bem, que o café ha de ser mais a riqueza dos fazendeiros do Brasil, do que as outras coisas que se cultivão: além de que bom he ter de tudo: quando huma coisa não dá, dá outra. Todos não tem posses para terem engenho: mas tem para café, para avel, para mandiocas, para muitas outras coisas,

que bem trabalhadas e governadas, dão em proporção hum lucro, que bem calculado he igual, senão maior, de humas coisas do que de outras. Só o plantar a mamona e fazer azeite, cuida Vossa Mercê que fará pouca conveniencia? Veja o Michella, sózinho com sua mulher, e tão pobre, como já tem hoje sua meia duzia de escravos, só com a mamona. Fez mal (permitta-me que lhe diga) em bolar fóra as sementes, que o vice-rei lhe deu: não lhe custa a plantar, não lhe toma tempo, nem terra, que tem muita: logo veria o provei o que lhe dava, e pelo menos o regalo de tomar hum chá de café de manhã, ou depois de jantar....

— É d'onde veio agora esse café? quem inventou isso no mundo?

— Olhe, aqui tem este livro: vá lendo d'aqui para adiante, enquanto eu venho; que vou para o côro, que está tocando. Verá que merecimento tem o café por todo o mundo, e por toda a gente fina e delicada.

Entrega Velloso hum livro ao capitão, deixa-o lendo, e retira-se, dizendo consigo pelo corredor — He bem silvestre este capitão Silvestre, por mais que me amolei á sua capacidade, não sei se pude persuadi-lo: he difficil, e mui difficil tirar do seu *ra-me-ram*

estes homens, e faze-los comprehender o seu mesmo interesse e melhoramento.

• Reinando no throno da França o grande Luiz XIV, cujo nome se umbava em redomoinhos de gloria desde Cadix até os confins da Polonia, desde a Hollanda até Constanti-nopla, mandou o imperador da Turquia, Mahomet IV. a cumprimenta-lo hum seu gran visir Solimão Agah. —

• Paris, que por sua mesma situação he o coração da Europa, de quem a França he o peito, era então mais que nunca a mais brilhante côrte de todo o mundo: jardins, theatros, praças, templos, obeliscos, tudo ostentava o brilho, a polidez da civilisação; que liudas moças, essas flores sempre amaveis da arvore maravilhosa do genero humano, adornavão entrelaçadas por entre grupos de sabios e de guerreiros, entre pendões e ramalhetes de artistas, lavradores, fabricantes, negociantes! —

• Trazia Solimão comsigo algumas das suas sultanas. Mas não como disse Ovidio — *Spectatum veniunt, veniunt spectentur ut ipsæ*. Pelo contrario ao mesmo tempo que as Parisienses se mostravão alegres e risonhas, estrelando as janellas e fulgurando nos salões e nos theatros com sua agradavel presença,

aqui lançando garbosas hum passear elegante, alli movendo prasenteiras o riso e jocosidades, acolá com voz suave acompanhando os concertos do cravo, do psaltecio, da guitarra; caminhavão as pobres Musulmanas como tristes passaros encerrados em gaiolas, cobertas e encobertas de todos os lados, sem huma vista, huma voz, hum movimento, que nao fosse pelo aceno de seu barbaro senhor. Manequins sem vivos, sem vontade, sem alma! —

Pasmava Solimão vendo os costumes humanos, a delicadeza, suavidade, e vida de Pariz Muco de proposito, e para fazer ostentar a sua grandeza, a civilisação, generosidade, a nobreza enfim de hum povo christão em contraste com a rudeza, acanhamento, e e priscos barbaros dos Mahometanos, mandou Luiz XIV que o hospedasse em com bizarrria em hum palacio magnifico da rua de Notre Dame, perto d'esta cathedral —

« Ah era o Turco frequentemente e visitado por distinctas personagens, que já pela curiosidade de o verem, já pela de verem as bellas Musulmanas, se correspondião ao que se diz da formosura das moças da Georgia: já para o culcarem com o fausto e opulencia da Fiança, e amaveis costumes da sua côrte,

tão diferentes d'esses grosseiros caprichos e climes dos Mahometanos; levavam com-igo as mais lindas e jovias Parisienses para convidarem as Turcas para os bailes, jogos e passatempo- que cada dia se celebravao em huijas ou ou ras familias e sociedades. Mas em vão, que as infelizes Musulmanas não apparecião. não recebiam visitas: encerradas em suas alcovas erão estranhas a toda a sociabilidade: não respirão, não vivem estas tristes, senão com o ar que lhes concede a presença de enormissimos eunucos, guardas infernaes que nada ahí fazem; e embaraço a quem podia fazer!

• Aceitava comtudo Solimão pela sua parte os convites lisongeiros das amaveis Francezinas, a quem correspondia com lhaucza, e não in fisure o galanteio. Que gente! que costumes! (dizia elle muitas vezes atonito consigo) como he possível que mulheres tão agradaveis, bellezas tão carinhosas passem ille-as braço em braço com estes mancebos não menos meigos do q e ellas? Dançam, cantão, brincão juntos, e separao se com huma especie de desdem, como se não se avistáram. Se assim as Musulmanas se portassem era impossível a sua virude, impossível fazerem a felicidade de seus maridos!

« Tantas e tão frequentes vezes honrado o embaixador ottomano, tão generosamente recebido no seio das principaes casas de Paris, não podião deixar de o esmular em a fazer iguaes convites para a sua casa, mostrar-se igualmente nobre, generoso e polido. E em abono da verdade não encobriremos, que nem foi preciso, que os seus atilados interpretes o advertissem: seu amor proprio mesmo, o gosto, a satisfação de ter em seus salões hum escolhido circulo de Eurizes (assim appellidava elle ás Francezas) o fazião corresponder aos convites com outros convites, aos saraus com outros saraus em sua casa.

« Erão n'estes festins servidas as Francezas com café á moda de Constantinopla e de Alexandria: e tantas vezes servidas, e com tanto aceio e elegancia de aparato que por fim tomáráo-lhe o gosto, e já não se fallava nos circulos e adjuntos, senã nas delicias do Turco, na suavidade aromatica, e gososa do seu café.

« Na primeira vez, que se apresentou esta estranha bebida em substituição do cha da China, e do chocolate do Mexico, não poderão as delicadas Eurizes deixar de estranha-la. Vinha em chicaras da mais rica porcellana da Índia, maizada de oiro e azul:

criados egypcios vestidos em grande gala, e ornados de brincos e colares de perolas e coralinas, as apresentavão de joelhos às senhoras em lindos guardanapos de seda cõr de enxofre, franjados de oiro: rescendião nos salões aromas da Persia, e titillava em todos os semblantes huma doce jocundidade.

Repugnavão porém os mimosos beicinhos o tocarem bebida negra e amarga, e cada qual se encolhia, olhando hum tanto acanhadas. humas às outras com enjoado fastio. Percebe madama Dacier a estranheza das suas patricias, e para as desculpar, desvia logo d'ellas para si a attenção do embaixador, dirigindo-lhe em lingua arabica este discurso:

O café he huma excellente bebida: foi hum presente, com que Haly brindou a seus filhos. Tres dias orou elle em extasis elevado ao terceiro céu para obter de Alah hum signal perduravel de recompensa, que se estendesse por toda a terra, como os verdadeiros crentes. Já tinha o grande propheta obtido o anjo com que vos regalaes nos vossos tehibuks: concedeu enão Alah o café, que de repente começou a pullular nas colinas de Moka, e nos montes do Yemen em Bander-Abawy. Contudo sómente as suas flores candidas e radiantes como as estrellas, que bri-

Ihárão com Haly no terceiro circulo do céo, he que forão recolhidas pelos Mahometanos, que fazião do seu aroma hum balsamo suave, com que os sanctos peregrinos da Syria, do Egypto e da Ethiopia ungião suas mãos para offerecerem na Meka suas oblações ao sublime tumulo do propheta. Mas certo dervik tendo hum sonho em que vio no banquete do propheta os anjos prepararem a semente do café para lhe darem a beber, revelou a hum principe da Abyssinia este mysterio, como hum dom que o propheta lhe outorgava em signal da sua estima e bom grado, com que lhe tinha acei ado e depositado perante Alah as suas oblações e offerendas.

• Da Abyssinia foi o mysterio divulgado por toda a Arabia, e toda a Persia, onde Usbek o fez servir no seu harem de Ispahan, para que exaltasse a belleza, e renovasse os encantos da sua bella Roxana e suas companheiras. He mui frequente o uso do café em Constantinopla, a quem o Imamato de Sanaa paga annualmente hum tributo de dous mil quintars: porém nós os occidentaes muito pouco o conhecemos, excepto em Loudres para onde os Inglezes já começam a leva-lo do commercio da Syria. Tem hum aroma excellente.

• E durante este breve improviso da erudita madama Dacier para distrahir e lisonjear o Turco, estava este attento sem desviar d'ella os olhos, admirado de a ouvir fallar com tanta sabedoria, e na lingua do alcorão. Ah! parecia-lhe ouvir hum anjo, revelando-lhe a mysteriosa origem do uso do café, que elle mesmo ignorava. acontecida entre os seus compatriotas possuidores dos paizes, que o produzem. Elle que até hoje, por não saber o francez, não pudera dar todo o desenvolvimento ás effusões do seu coração, sómente enunciadas por meio de interpretes, que as explicavão; sente agora hum duplicado prazer pelo discurso que ouviu, e por poder fallar em sua lingua com humã senhora franceza. — Madama, nascestes em hum berço de Alexandria, ou entre as flores de Aleppo? Alah vos revelou sua sabedoria e seus mysterios, e sem duvida vos predestina a sua primazia entre as Eurizes. Como, candida princeza do paraiso, vierão captivar-vos em França?

• — Não na-ci em Aleppo, nem sobre o elevado pinaculo das pyramides do Egypto: em França tive o meu berço: meus pais cuidarão na minha educação, e as letras me franquearão o conhecimento dos paizes, das nações, de seus usos, seus costumes. Aquí

não há escravas: tão livres, tão senhoras como os homens, as mulheres sabem as artes e as sciencias: contemplando os céos, ellas conhecem as estrellas e os planetas que illuminão a residencia de hum Deus omnipotente, creador do universo: olhando a terra contemplão as nações, e como se sustentão na mutua dependencia humas das outras, mutuamente ligadas pelo interesse dos gozos, que hum paiz ministra a outro paiz: no que verdadeiramente consiste a vida humana: e vendo os mares se convencem da liberdade e immortalidade da nossa alma: as artes, que esta inventa, as medidas, os calculos com que atrahê, aproxima ao seu microscopio a vastidão immensa do orbe; nos convence do seu imperio sobre as obras da natureza, e de que, superior á materia desta, não pôde acabar com esta: assim como o vaso que se quebra, a semente que se destroe não acaba com o oleiro que o formou, com o espirito que o desenvolveo.

— He a primeira vez, madama, que oiço tanta sabedoria, tao sublime capacidade em huma mulher. Nunca pensei que a gente do vosso sexo fosse capaz de comprehender as sublimes lições, que só o nosso grande propheta entrevia no seio de Alah.

— As mulheres, senhor, tem tanta alma e tanta capacidade e comprehensão como os homens. O que verdade parece he que elles, mais materiaes do que ellas, as acaubão e subjegao pelo peso da sua força; e dahi nasce, que as infelizes alerradas de toda a sciencia, de toda a cogitação, que não seja só e unica dedicacão a seus maridos, são pelos homens barbaramente consideradas como incapazes de idéas sublimes: mas em todos os tempos e por toda a parte do mundo civilizado, as mulheres se tem sempre mostrado tão engenhosas, tão nobres, como os homens. Na vossa Asia, vio se anigamente Pansilea com humna espada na mão, levando de roço e de tropel adiante de si, os terriveis guerreiros de Mymidona: assim tambem Zenobia, Semiramis e outras. Artemizia rego sabiamente o sceptro da Persia: o espirito de Sapho ainda arrebatada com os cantos da sua poesia os Gregos modernos, como os antigos, entre os quaes foi celebrada destreza de Atalanta, a habilidade de Aracné, como a constancia de Penelope.

Nos tempos modernos a civilização e as letras, adoçando os costumes, tem chamado o homem a melhor u-o do seu predomínio, usurpando sobre a mulher, que he metade

d'elle mesmo : na França, e por toda a Europa occidental tem as mulheres igual direito como os homens, igual educação como elles.

A civilisação estabeleceu entre os dous sexos relações, que a gravidade limita de huma maneira, unica verdadeiramente digna de hum ente racional, como he o homem : em bandos misturados homens e mulheres, recrea-se o nosso espirito, communicão-se os dotes da nossa alma, sentimos vida, e mutuamente nos respeitamos com sincero decóro. Se fôrdes por essa cidade, por esses campos, vereis a mulher, e a filha do artista com agradavel diligencia cuidando nos negocios internos da sua casa, e tão habéis coo o pai da familia, ajudando-o nos trabalhos da sua arte : a mulher, a filha, a criada do lavrador, vigorosas, coradas de honestidade, aliviando, sem temer o ardor do estio, com varonil desembaraço as fadigas do laborioso consorte ; não se esquecendo de arejar os cereaes guardados no celeiro, e de educar seus filhos no amor do trabalho, e nas maximas da virtude : vereis com o negociante a mulher, huma vez sulcando intrepida mares impolatos, demandar novos paizes, onde encontre novos bens, novos recreios, novos gozos e vida ; outra vez teatando com

zelosa prudência as economias da casa, ao mesmo tempo que a filha regista ad esrada no e-criptorio os negocios de seu pai. A musica, o desenho, as danças, o passeio entretem suas horas vagas: os livros nos instruem do passado e do presente, e nos advertem do futuro. Emfim verreis em nossas escolas os lentes rodeados da mocidade de ambos os sexos, explicar a todos igualmente os principios da religião, das artes, das sciencias, das verdadeiras virtudes. De tudo a mulher he capaz, como os homens: tudo lhe he devido, como a elles: e he assim que pode palpitar no coração com sinceridade, amor e virtude: sem gozo não ha vida: sem liberdade não ha amor: a magoa dos grilhões não inspira senão ancias de respiro.

• Neste interim tinhão as francezas com disfarce largado o café, havendo humas sómente provado, outras sorvido até metade da sua pequena chicara: mui poucas destrucjárao todo o liquido: percebendo a animada conversação de madama Dacier, rodeárão-na em semicirculo para ouvirem da sua boca a pronuncia harmoniosa da linguagem arabica. O embaixador vendo as approximarem-se, regalava o olho, extasiado: a elegancia e belleza d'aquellas moças o encantavão. Dacier, ex-

plica em poucas palavras ás suas patricias o seu discurso: ellas o applaudem, a senhora de Nemours pede que digão ao embaixador, que ella, se a casassem, até com hum rei, que seu coração não escolhesse, amaria o throno, mas não o enthronizado. Gostosa hilaridade excitou em suas camaradas este seu dicto, que o acaso não tardou a confirmar: casou o duque de Nemours esta sua filha com Dom Affonso VI, rei de Portugal, homem pouco generoso e polido para apertar mão tão mimosa: annullou ella o casamento, e casou com Dom Pedro, irmão do rei, a quem se affeição logo mesmo adiante das tochas do hymeneo do primeiro marido. Não gostou o Turco do seu pensamento: mas a bella indiscreta primava em graças e bealdades, e o seu dicto o fez abaixar murchos os olhos.

• Reinava ao mesmo tempo nos salões a mais jovial alegria. O mesmo Luiz XIV ali estava: curioso, como os seus cortezaos, queria tambem ver se lubrigava as bellas Georgianas, mas tão disfarçado, que muito poucos o conhecião. Aqui contradançavão elegantes pares o engraçado *je sais*: alli prepassavão garbosas atitudes o menuete hespanhol, e o agitado fandango: monsieur e

madama cantavão angelico dueto italiano, que sonoros instrumentos accordemente acompanhavão. Por toda a parte servião diligentes os criados os cafés, os doces, os sorvetes; e tudo illuminado de cera branca e rosada, parecia que o proprio sol estava assistindo com seu dia áquellas horas de recreio e de festança. Huma só camara na casa estava fechada, e guardavão a porta com alfanges desembainhados dous negros eunucos de sanguineos olhos arregalados, e quasi sem palpebras, mais feios e mais terriveis, do que huma noite tenebrosa entrecortada de coriscos. Era triste mansão das pobres Musulmanas, a quem o mahometismo fanatisado pelo egoismo, nem lhes permittia ver a jovialidade das outras do mesmo sexo. Infelizes moças! todo o seu bem, seu viver n'este mundo consiste em consumir algumas gallinhas, e gastar algumas sedas! Permitta Deus, que lhes aprovei e a lição, que Pacier araba de dar ao enviado do seu gran senhor, escravo do seu caviloso alcorão; e da ignorancia do seu muphti.

Reirada enfim a companhia, era nos circulos das familias, que assistião áquelles festins em casa do Turco, o objecto frequente das conversações o sabor, o aroma do café,

o ar de elegancia e de aceio, que accompanhava o serviço, que se tornava mais picante pelo aspecto estranho dos moveis, do vestuario dos criados, e a singularidade de se estar assentado em almofadas, e fallar-se por interpretes. Causava isto ao espirito das Francezias hum novo gosto, hum nova emoção de regosijo: por toda a parte apregoavão o café que tinham tomado. Queriao já todos prová-lo: era já fasto e delicadeza saborear em Pariz o c heu dos orientaes: era porém difficil alcançar a fava preciosa com que se fazia este licôr, por ser artigo desconhecido no commercio: só se achava em Marseilha, e em mui pequena quantidade, da qual custava cada libra quarenta escudos.

• Lançárão-se diligentes especuladores em sua demanda aos paizes da Arabia, e não tardou que Estevão de Aleppo abriu em Pariz hum botequim alegremente decorado, em que se servia esta bebida a nacionaes e estrangeiros, que o frequentavão, attrahidos do bello e da novidade.

Estendeo-se logo a Londres e a toda a Europa o uso do café: do Norte igualmente que do Sul acostumarão-se a elle os povos: mas sempre na necessidade de o irem buscar lá na Arabia,

As longitudes do Oriente, o custo da compra, direitos, fretes e despesas ministrarão aos calculistas holandezes o immenso proveito que tirariam, se podessem no Occidente produzir tão procurada fava, buscariam introduzir nas suas colonias a sua cultura. Lançam-se á terra as mais bellas, mais pesadas, e escolhidas sementes: repete-se em varias estações esta experiencia: regã-se, estrumam-se; mas de balde: desgraçadamente não brotou nenhuma das sementes que se plantaram; porque a do cafezeiro he d'aquelas que para germinarem, querem ser lançadas na terra no instante, em que são colhidas: o que elles ignoravão; e então crêem que antes de a venderem os Arabes a torrão em fornos para lhe extinguirem o germen. Com esta idéa contudo não desanimão. Impossiveis facilitão a industria. Do seu viveiro natural, da propria terra de Moka tenrinhos cafezeiros tem de transportar-se para a terra da America. Dalli o trazem elles cautelosamente para Baavia, e daqui para Surinam, e para Berbice na costa da Goyanna.

Solimão Agih, tendo no fim de alguns mezes concluido em Pariz a sua missão, volando para Constantinopla, fez com que se remettessem de Saana pelo Egipto para a

França a madama Dacier duas plantasinhas do cahen. Embarcadas em Alexandria em hum navio hollandez por não haver então outro directamente para a França, fôrão levadas a Amsterdam, onde por falta de consignatarios fôrão depositadas na praça. Era o famoso cahen, com tan as faixas procurado por todo o mundo occidental! era o jasmim delicioso, a fava balsamica; regalo dos orientaes! quem todos vel-lo, conhece-lo, cultiva-lo. Ah! não ter elle ainda flores e sementes!

O búrgomestre, regente da cidade, encantado da estima, e raridade d estas plantas, interpretando aduladôramente que a remessa do bacha do Egypto era hum presente que se fazia ás princezas de França, d ella faz officiosa direcção a Luiz XIV.

• Eis o cahen! o famoso cahen dos Arabes! Não foi menos affagado em Pariz, do que em Amsterdam planta estimavel Mr. Tournesal a recebe por ordem do Rei, que a recomenda aos seus cuidados no jardim real das plantas. Mas os cafezeiros tremem do rigor do frio no clima da França; ah! elles delinham; elles vão percer: não podem dar-lhe o natural movimento do seu viço nenhum dos calculos do thermometro; a mais bem graduada estufa de pouco lhe presta: só hum sol

animador dos climas dos tropicos o pôde medrar.

Estava a partir para a Martinica em qualidade de governador Mr. Desclieux. Amava este official a bella filha de hum seu amigo, estabelecido nesta ilha, e que era hum dos seus maiores fazendeiros. Amor he sollicito, e Desclieux querendo levar á familia do seu amigo algumas sementes de flores de Pariz, vai escolhe-las no jardim, e lá encontra o cafezeiro que definhava, e Tournesol desespera de poder acclimatar. — Eis hum raro, hum riquissimo presente (diz elle consigo) que eu quizera bem levar á bella Gelin. — Dai-me, Mr. Tournesol, dai-me, por vossa vida, hum destes cafezeiros para levar á Martinica: lá o clima he favoravel a toda a vegetação, e não differe do da Arabia. Talvez de lá eu possa resarcir-vos com milhares de pés, ou pelo menos faremos a experiencia, que aqui tendes quasi baldada. — Prudente pareceu a Tournesol esta ardente proposição: communicou-a ao ministro Turgot, obtiveram a permissão real, e foi o cafezeiro entregue aos cuidados de Desclieux.

Lá saí arfando por entre as vagas de Nantes huma fragata onde o levão meigos ventos propicios ao seu rumo. Nem saudades

sintas, mimoso cafezeiro! Vais ter huma terra, onde vigores, hum clima onde vivas: lá te esperão prasenteiras as Nayades, e as Napeas americanas para enfeitarem com tuas flores os seus cabellos: embalsama-lhes as tranças, e pende-lhes de hum lado sobre a orelha hum teu galhinho com seus bagos de purpura!

Não muito ainda a fragata se afastára do porto, quando escassea a viração, e impata o seu seguimento. Preguiça fosse ou saudades, o navio não andava: antes pudera dizer-se como Ovidio, saindo para o Euxino — *Ter limen tetigi, ter sum revocatur.*

Tres vezes vão á vante, e tres a ré,
Concordes na tardança, a nau e o vento.

Dias e dias se escoarão inutilmente pairando á lôa. por mais votos que se fizessem, promettendo a S. Lourenço humas ricas barbas de ouro. Descae do rumo o navio ao som das correntes: calma, e calma. Em calma os navios não se segurão, entornão revirando de hum bordo a outro bordo. De repente arrebenta hum d'estes tombos as péas do vaso do cafezeiro, e o despeja quebrado rolando pelo côvez. Oh! sancta Mattha! (clama Desclieux apertando a cabeça com as mãos) O' meu cafezeiro! que contas darei de ti! que

mimo agora offertarei ao meu amigo, que digno seja de Geliu! Maldito podre mialhar, que não pudeste suster o leve tombo de hum vaso. — E dizendo isto, corria e apanhava o vaso, quando outro tombo o arroja e leva de encontro á amurada com grande perigo de o esmagar, ou balnear no Oceano; porque batendo as costas na borda, recebe ao mesmo tempo nos peitos outra pancada com o resto do vaso do cafezeiro, que tinha nas mãos.

Por fortuna he o cafezeiro dotado de grande força vegetativa; com a terra esmigalhada dos abalos, e as raizes descobertas, he repousado com o resto do vaso em huma barrica, e cuidadosamente regado, conserva ainda alguns signaes de vida. Começa então manhoso e disfarçado o vento traidor a bafejar de novo as galias; enfuna os pannos, e restabelece nos navegantes esperançosa alegria. Mas que? o traiçoeiro vinha do Oriente, e sem duvida algum farfarelo da Arabia o empenhára a não deixar passar para a America o precioso café.

Humta tarde ao pôr-se o sol avistava-se quasi a Martinica, e logo atraz do sol sumia-se ainda mal percebida a lua nova. Outra vez acalua-se o Lesnordeste, e arrebenta pela

prôa como hum trovão o negro Noroeste, feio e negro mesmo como a noite que lhe emprestára as mantilhas. Assoberba-se o mar, rola contra o navio montes sobre montes, e lhe empacha de todo o caminho. Forçoso foi retroceder, virando-lhe a poupa, e correr milhas e milhas em rumo avesso: vento e mar o empurrão para longe, e huma onda atrevida apupando-o, põla por cima da pôpa e alaga de vante a ré todo o convez, os belixes, o castello, a meia laranja, e ficou o cafezeiro affogado em agua salgada, que lhe encheu a barrica. — Ah perdido! (exclama de novo De-clieux) he mais poderoso a divindade que me inspira, do que as furias que te movem: jurei por amor, e hei de levar á bella Gelin as flores, que produzir este rico arbusto. — Decanta-se toda agua da barrica, e para supprir-se o humus que ella dissolveu, cobrem-se as raizes da planta com carvão e bolacha triturada, que se mistura com a terra que restava no vaso.

Tantas delongas, tantas difficuldades puzerão aida o cafezeiro no maior dos perigos: a aguada em apuros de ração, quando mais vedada, mais securas e sêde d'ella tinham os navegantes. Padece, angustia-se De-clieux, tanto mais abrazado, quanto he mais forte o

calor nos climas proximos da America, e contudo amante dedicado e generoso priva-se a si proprio de parte d'esta necessidade para repartir sua tão exigua ração com o seu cafezeiro. Em verdade, Amor! que ante os seus altares sacrificio algum não ha que não se offereça.

Disputada assim com a mesma natureza a constancia de hum homem dedicado ao objecto do seu amor, derão-se em fim as fúrias por vencidas. Lá se erguem pela prôa do navio a recebe-lo com seus barretes de musgo as penedias da Martinica: abrem-se em alas no porto, e entra n'elle a fragata desenrolando alegremente no mastro de prôa o pavilhão dos lizes. Os castellos salvão. Que alegria! com mais pràzer não palpita o coração do preso, que depois de annos de tormentos, sente em fim abrirem-se os ferrolhos do seu ergastulo, e os cadeados das suas correntes.

• Saltando em terra, leva Desclieux consigo o precioso caqueiro da sua planta: offerenda lizonjeira, que jámais algum thuribulo offertou em Gnido á sua deosa, des que Solon estabeleceu na Grecia o culto de Amor. — He o jasmim da Arabia (diz elle apresentando-o a mademoiselle Gelin) o saboroso caheu dos orientaes. que faz hoje as delicias

da côrte. — Ah! meu amigo, he este o café com que dizem que hum embaixador da Turquia mimoseava os senhores de Pariz? E como se faz uso d'elle? Custa muito a crescer? Dá muita flôr? Meu pai, maude plantar algum n'huma leira do jardim.

A vivacidade d'estas interrogações multiplicadas sem esperarem resposta, mostra bem o alvoroço do contentamento da joven Gelin e suas irmãas, cada huma das quaes fizeram ao mesmo tempo huma e outra d'essas perguntas. — Não sei que tempo tem já de nascido (responde Desclieux) alcancei-o com muito empenho de hum amigo no jardim real, e muito me custou a traze-lo salvo dos perigos e tombos que soffreu na viagem. Disse-me o director do jardim, que em tres annos pouco mais ou menos começa á deitar flôr, que he hum jasmim, como o de Hespanha, porém hum pouco mais pequeno, mui cheiroso e suave, depois vem hum banguinho verde, que vai-se tornando em vermelho côr de purpura reluzente, quando fica maduro; dentro tem huma mucilagem doce, e duas sementes cobertas de hum pergaminho branco, chatas de hum lado, e ovadas de outro: dentro do pergaminho he que está a fava saborosa, chamada propria-

mente café. Para se usar d'elle, colhe-se o bago bem maduro, tira-se-lhe a pelle vermelha, e põe-se a seccar com o pergaminho; estando bem secco, pila-se para se tirar o pergaminho, e torna-se a seccar bem para que não mofe; pois qualquer mofa ou humidade que elle apanhe já faz desmerecer o seu sabor. Então quando se quer tomar, torra-se em hum vaso de barro ou de ferro, mechendo-o com cuidado para que não queime, nem fique muito negro; deixa-se esfriar em outra vasilha coberta com huma toalha; depois de frio moe-se em hum moinhozinho de ferro. Tem-se huma chocolateira de folha, deita-se dentro huma porção de café moido, e logo em cima huma dada quantidade de agua fervendo (como se faz com o chá) e tampa-se logo a chocolateira, para não evaporar-se o aroma do café, que he mui volatil; abala-se a chocolateira tampada para misturar dentro o café com a agua, e deixa-se repousar hum pouquinho ao pé do fogo; torna-se a abalar segunda vez e torna-se a deixar em reponso cinco ou seis minutos. Depois passa-se a tinctura por hum coador dentro de huma cafeteira, e d'esta vai ás chicaras em que se bebe com assucar.

— Então a torrefacção ha de ser sómente

até que elle fique com huma côr de canella hum pouco escura, e depois de filtrado não deve mais ir ao fogo requeentar-se?

— Sim, minha senhora, comprehendestes-me muito bem.

— Tem tantos primores, que certamente não póde deixar de ser cousa muito boa. Tomára eu já vê-lo na chicara.

« No clima da Martinica, e cultivado pelo zelo da cuidadosa Gelin, vigorou-se e pululou de modo o cafezeiro, que no cabo de hum anno deitou flôres e fructos, que recrearão com seu aroma e seu brilhante verniz de purpura a sua bella cultora. Aproveitadas todas as primeiras sementes, que forão logo plantadas, reproduzirão em menos de tres annos grande numero de pés. . . .

N'este ponto entra na cella o padre Velloso, voltando do côro. O capitão fecha o livro e entrega-lho, dizendo: — Isto he hum livro de Turcos e hereges, padre; gente christãa não anda lendo isto. Eu gosto de ler a Magalona, o Imperador Clarimundo. . . .

— Sim, e tambem o Carlos Magno he bom. Mas não viu aqui (mostrando-lhe o livro que recebêra) como o café he estimado por todas as nações do mundo, e a diligencia que todos fazem de o plantarem, o

trabalho de o irem buscar lá na Arabia e na India? Não he bom que o tenhamos aqui no Rio de Janeiro? e em vez de ir para os Turcos e para os hereges o dinheiro com que elle se compra, ficarmos por aqui nós com elle? Homem, tome o meu conselho; plante o café, beneficie, seque bem a colheita, e verá que dinheirão não lhe ha de dar.

— Eu já deitei fóra a semente; seja bom, seja ruim, não me importa. A canna, correndo bom tempo, dá bem dinheiro, e sempre hum homem goza da nobreza, e privilegio de senhor de engenho, que não oiço fallar, que o café tenha, nem o algodão, nem o anil, que são lavouras de gente somenos. Adeus, vim só visita-lo, e de noite o luar he bom, retiro-me para o meu engenho.

— Pois adeus, muito obrigado pela sua visita: Deus o acompanhe.

Retirando-se o capitão Silvestre, metteu o padre o livro na estante dizendo, e nutando com a cabeça. — *Nisi Dominus edificaverit domum, in vanum laboraverunt, qui edificant eam.* — Se o vice-rei não obrigar estes homens, tarde teremos café no Rio de Janeiro. Tem commummente os lavradores insufficiente instrucção, e aferrados ao instincto dos seus maiores não se arredão do seu rude

usual: cuidão que não ha no mundo nada melhor do que o que elles fazem, e quando se lhes quer ensinar outra cousa amuão-se, e nem com a mesma experiencia ás vezes se convencem. Deus nos dê paciencia com estes araras, que ainda que se lhes ensine a fallar, não lhes entra na cabeça nenhum raciocinio: não fazem ninho senão da materia e feitio, que seus trisavôs fizeram.

No seguinte anno tendo Velloso muitas mais sementes do seu cafezeiro para nova plantação, mandou o vice-rei indagar pelos commandantes dos districtos, se as pessoas a quem no anno anteccedente havia dado os bagos de café, as tinham plantado, e em que estado se achavão as plantas. Fôrão as respostas, que nenhum as possuia, e todos se desculpavão com o não terem nascido. — Que venhão todos á sala (ordena), quero saber porque não nascêrão.

Vierão, e com os mais o capitão Silvestre, de quem o vice-rei já estava informado que logo no saguão mesmo de palacio botára fóra as sementes.

— Porque não plantastes o café que vos dei?

— Plantámos, porém não nasceu.

— Duplicadamente sois criminosos: 1.^o

porque dizeis que plantastes e não nasceu : quando hum de vós lançou fóra os bagos que lhe dei, e apantados por hum soldado que os veio tornar a trazer-me, mandei-os planta^r no Passeio Publico, e lá estão vegetando : 2.^o porque quebrantastes a Ordenação do Reino, e as leis do nosso soberano, que mandando que as camaras e authoridades fação plantar arvores e sementes uteis aos povos, não plantastes esta que vos dei para beneficio mesmo vosso, tanto como do Estado. Recolhei-vos á cadêa.

Cabisbaixos sairão os pobres lavradores para a cadêa, maldizendo-se do desensofrido Silvestre, que não esperou sair do palacio para atirar fóra os bagos do café. — Maldito seja o frade Velloso (dizia hum), e mais quem lhe trouxe lá do inferno semelhante *grumixama*. — Eu tenho que comer na minha casa (dizia outro), tenho minha fazenda, e não careço que me ensinem o que hei de plantar. — Eu quando venho á cidade trago meus pagens a cavallo com arreios de prata : não he agora o café, que ainda d'aqui a tres ou quatro annos he que se ha de colher de grão em grão. — E huma cousa ruim, que não presta para nada : derão-me aqui na rua Direita hum papeliço cheio, que veio da

India, mandei cozinhá-las com toicinho e linguças, e amargava, que nem os meus cachorros quizerão comer. — Isto cada vice-rei vem com sua doídice, e a Magestade lá em Lisboa não sabe o que cá se passa.

Com estas e outras queixas zangadas passarão tres dias na cadêa. Causou a sua prisão susurro na cidade, e d'este e d'aquelle soube-se geralmente, que a causa era não terem plantado o café, como lhes fôra insinuado pelo vice-rei. Isto fez com que alguns industriosos se informassem a respeito d'esta cultura, e houve quem discorrendo declarasse que o café era huma droga de tanta estima, que em 1709, durante a guerra da successão, os Francezes Maloucrios armárão dous navios, e fôrão busca-lo directamente a Moka, d'onde voltárão carregados, e de 1732 até 1734 vendeu a companhia das Indias 750,000 libras; que em França os medicos tinham escripto e sustentado muitas theses contra esta nova bebida; e que já no Oriente fôra objecto de discussões ridiculas, e severamente prohibido pelo Muphti, supremo interprete do alcorão, declarando ser este hum dos licôres, que elle não consente; mas que de tudo se zombou, e prevaleceu em geral o uso e gosto de o beberem. O café

puro; de infusão em agua fervendo, ajuda a digestão, desperta e fortifica o estomago: o seu uso ordinario póde prevenir a apoplexia, e todas as doenças suporosas; não convém ás pessoas de temperamento secco, ardente e sanguineo, e de nervos muito irritaveis: os phleumaticos porém, os de boa disposição, ou de vida sedentaria podem sem receio toma-lo todos os dias. Os orientaes o bebem muito, ás vezes até tres e quatro onças em vinte e quatro horas: tirão primeiro huma decoção d'elle cru, depois o seccão, e torrão levemente, e o triturão em pó, que lanção n'esta decoção fervendo. Com a polpa secca do bago fazem os Turcos huma bebida agradável, que he o café á sultana: o mesmo nome dá-se á decoção leve do grão que não he torrado, e tomão-na com assucar; fica assim huma bebida mui forte para restabelecer o appetite. Ha tambem muitos que usão do grão torrado inteiro, ou sómente pisado.

Assim se entretinha, mas quasi sem persuasão alguma, o vulgo curioso no Rio de Janeiro. Passados tres dias, fôrão de novo os presos chamados á sala, onde o vice-rei tornou a dar a cada hum huma dezena de sementes, e com muitas exhortações os despediu, ordenando-lhes que fossem plantar;

que elle mandaria visitar as plantas, se estavam nascidas e cultivadas.

Com effeito no fim do anno estava cada hum com seus quinze a vinte pés de café, nascidos e vegetantes; mas de tão má vontade plantados, que hum os tinha em huma moita no oitão da casa; outro á beira do terreiro, distantes só de palmo; outros do mesmo modo no aceiro do cannavial, entre os moirões da cerca, &c., nenhum em terreno e espaço conveniente a lhe dar o seu natural desenvolvimento. — Não importa (diz Lavradio) como elles o tem á mão, quando lhe conhecerem a utilidade, farão por aproveitá-lo e cultiva-lo.

Volvêrão-se entretanto os fados do Brasil. Hum choque de electricidade politica abala todos os thronos da Europa: resvãla Dom João VI do seu, e de repente apparece com toda a sua real familia no Rio de Janeiro em 1808. Eis começação agora a girar em vasto mostrador sob o dedo do Destino as horas d'esta capital, escolhida para novo assento da monarchia.

Saudoso dos bellos palacios de Lisboa, da sua grande roda de cortezãos e estrangeiros, e imbuido absolutamente das idéas prestigiosas da Europa, já velha e formada; quer

o Rei, mal ponderado applica-las ao Brasil, e de repente forma-lo: com erro fatal abre os seus portos ao commercio e luxo sem limites de todas as nações, não estando a sua preparada para isso. Sustentão os economistas, que o luxo estraga a familia, mas não a nação; porque a familia he como isolada em seus recursos, e a nação quando perde de humã familia lucra para outra, rolando sempre o giro no seu seio: não assim porém a nação, que se serve e gasta tudo do estrangeiro: he familia isolada e de fóra do giro, tendo tudo que comprar, e nada que vender, perde sem resarcimento.

O ouro, esse pai da inercia e da indolencia dos que o possuem, que eleva e abate Imperios, que abateu Hespanha e Portugal, que outr'ora brilharão nas artes, no commercio, na industria, nas conquistas, em homens, em Albuquerque, em Castros; enquanto não lhes foi da America em pesados galeões doirar as carruagens, em que estúpida inercia ostentava nas ruas de Madrid e de Lisboa hum balofo avoengo; este metal arisco e lubrico illude e perde agora os Brasileiros, que contentes, como vimos a cima, de trazerem seus pagens em cavallo arreados de prata, desprezando as artes, a industria, os

melhoramentos agrícolas, deixão ir ao estrangeiro até esses mesmos signaes da sua ufania. Coalhão de repente a vasta bahia de Nictheroy as nações estrangeiras, e demandão d'esta Ophir americana oiro e diamantes. O Brasil, que pudera no Rio de Janeiro (como outr ora em Lima os Hespanhoes na entrada do duque de La Plata) calçar de prata e oiro as suas ruas ao seu soberano, supre com este metal a todas as mercadorias necessarias. Mas hum commercio todo estrangeiro e em troca só quasi de oiro, esgota-lhe os cofres e as minas: descai logo a opulencia, as necessidades urgem, o descontentamento revolta se, clama a antiga metropoli, e o Rei sem recursos quer ao menos acudir-lhe com a sua presença, tornando á sua séde. Mas como se deixa o Brasil! Cá e lá se manifestão as mesmas necessidades. — Eu fico — diz o principe magnanimo D. Pedro, herdeiro do throno.

Como porém salvar esta grande parte da sua herança, fazer surgir suas riquezas, dar-lhe o brilho e magestade!

— Hum emprestimo (aconselhão cortezãos egoistas ambiciosos) a Inglaterra tem oiro, abrirá seus cofres á usura.

— E não se irá outra vez, como de antes, esse oiro? Ephemero recurso!

— Nas crises e necessidades de hum Estado ha só quatro recursos: o primeiro he fiscalizar as rendas apurando e simplificando a arrecadação dos impostos que as produzem: o segundo he diminuir, e mesmo cercear todas as despesas superfluas, de mera ostentação, desperdícios, favoritos: o terceiro he o empréstimo: e o quarto, novos tributos. Mas a primeira d estas diligências não deve ultrapassar as raias do justo e honesto: a segunda não deve desconhecer o merito e o necessario: a terceira só deve ter logar em caso imprevisto de urgencia, e para empregar de modo, que torne do mesmo emprego a pro- vir o capital e os juros despendidos, despesa meramente adiantada, he comer o trigo em herva, ou como disse o orador romano — *certare cum usuris fructibus prediorum* —: a quarta emfim he sempre ruinosa, quando as necessidades não são cabaes, e proporcionadas aos haveres da industria: he mais justo e prudente aproveitar pingos de cêra, do que novas contribuições, que tambem se arrecadão pingo a pingo, beliscando e affligindo. Na mingua em que estamos não nos púde dar folego hum só d'estes recursos: não aproveita hum sem outro, de todos carecemos, exigem

porém mão habil, amestrada nos negocios para os dirigir.

Assim se aconselhava o príncipe nos apuros de huma revolução nacional, na carencia magnanima de fundar hum Imperio, salvar hum povo nobre, brioso; quando os estrangeiros presúrosos de seus saldos, pedem na praça — café, café; queremos oiro ou café: trocamos por café as nossas mercadorias. — Ha males que vem para bem, e da necessidade gera-se a industria. — Eis hum verdadeiro recurso (attingem agora afadigados negociantes e lavradores, depois que se virão sem oiro), abaixo as nossas florestas, revis-tão-se de cafezeiros as nossas montanhas. — Eia! café he synónimo do oiro (susurrão os filhos e netos de Silvestre) plantemos. Oh abençoado Velloso! abençoado Lavradio! que nos metten á porta de casa esta rica se-mente! Deus vos tenha com os anjos na Bemaventurança!

Já coroados de cafezeiros ostentavão aqui e lá o rubro entre o verde algumas colinas, plantadas de outro tempo: cai o grosso ge-quetibá, cai o ipê, a peroba, e rébenta em seu logar o jasmim da Arabia, a preciosa fava de Moka; tudo desde a margem do

Tieté ás beiras do Tocantins floresce com este arbusto da Abyssinia e do Yemen; por toda a parte se reproduz e multiplica o cafezeiro. E que de cabazes os cercão, recolhendo o brilhante fructo purpurino!

Que bulicio! Rodão rangendo pelas ruas carros e carroças, grulhão carregados os loquazes cangueiros, e atopeta-se de immensa sacaria a praça, que debalde se afanão por desbistar as bojudas urcas, e os grossos galeões do commercio. A barra he defendida por hum forte castello sobre rocha, guarnecido de trovões; e em frente d'elle repimpa-se em pedregosa atalaia, vigiando de sentinella, hum sisudo granadeiro Pão de Assucar; mas huma atraz da outra vão saindo as frotas carregadas de café, e elle ufano e generoso se arreda e deixa passar levando a portos longinquos esta riqueza inesgotavel do seu vasto e fertilissimo paiz: *Boa viagem!* he o seu grito de — alerta.

Nem mais de oiro se cura, diamantes se desprezão. Café, tabaco, assucar, algodão, he a potencia que move, alenta, vivifica o genio industrial, que repete desde o Prata ao Amazonas a voz celeste — *Independencia do Brasil.*

Confiados com razão nesta utilissima cul-

tura, rodeão os Brasileiros o seu príncipe, ostentão-lhe os recursos do seu paiz, que liberrima a Natureza lhe offerece com as mãos erguidas até o cume do Canastra e do Samora; e querem que lhe cijnja a gloriosa cabeça huma corôa independente, com seu brazão proprio da terra de Sancta Cruz, separado dos besantes de Ourique e dos Algarves.

Em memória dos cinco Reis mouros vencidos no campo de Ourique, e da aquisição do Algarve pelo casamento de Dom Alfonso III com Beátriz de Castella, tomárão os Reis de Portugal por brazão no centro do seu escudo os cinco escudos d'elles, terceados em cruz com cinco besantes de prata em campo azul, e de roda da orla os sete castellos das sete fortalezas do Algarve. O vulgo interpretou os cinco escudos por emblema das cinco chagas de Christo, e os besantes pelo dinheiro que pagou a traição de Judas. O Imperador do Brasil tomou por timbre do seu escudo huma esphera amillar atravessada da gran cruz da Ordem de Christo, rodeada de estrelas, e guarnecida das folhas de café a direita e de tabaco á esquerda; emblema da serra dos Aimorés, que do alto do seu cume alpino acenou como huma estrella na esphera a Pedro Alvares Cabral para que aportasse, e

reconhecesse o novo mundo, a que'elle então deu o nome de terra da Sancta Cruz; o café e o tabaco symbolisão a riqueza nativa da puberdade d'este grandioso paiz.

Hum só viva, huma só hosanna de alegria não deixárão os Brasileiros guardados em seus peitos, quando virão arvorado no pavilhão do seu primeiro Imperador este emblema symbolico da sua grandeza: abração-se em tripudios os dous gigantes de agua, Prata e Amazonas, e retumba de huma e outra de suas bocas o grito inaugural — *Viva o imperio e independencia do Brasil.*

E que dirão agora no outro mundo o Silvestre e o Velloso?

ELENCO GEOGRAPHICO E HISTORICO

D'ESTE ROMANCE.

Abyssínia. Região da Africa a N. do Egypto: segue a Religião Christãa do rito grego; mas tem feudatario o reino de Angot, que segue o mahometismo: aqui nasce tambem o café como no Yemen.

Aymorés. Tribus indigenas do Brasil, que habitão as montanhas do seu nome entre o rio Pardo e o rio Doce.

Alah. Significa Deus em lingua arabica.

Aleppo. Magnifica cidade da Syria.

Alexandria. Cidade maritima do Egypto , onde commercião as nações da Europa.

Aly. Primo de Mahomet , e casado com sua sobrinha , filha d'este : depois da morte de Mahomet dividirão-se os mahometanos em duas seitas ; seguindo huns a Aly e outros a Aboubek : tendo ambos sido companheiros de Mahomet , interpretavão ambos o alcorão a seu modo , e ambos derão aos seus partidistas o nome de verdadeiros crentes.

Amazonas. Rio do Norte do Brasil , e o maior de todo o mundo.

Amsterdam. Cidade capital da Hollanda.

Antilhas. Grandes e pequenas ilhas do archipelago columbiano , que pertencem a varias nações da Europa.

Arabia. Grande paiz da Asia desde o isthmo de Suez e mar Vermelho até á Persia. O café he o seu principal ramo de commercio ; nasce espontaneamente nos montes de Djebel no reino ou imamato do Yemen.

Aracne. Moça grega , costureira tão habilidosa , que disputou os primores da agulha com a mesma Minerva , deusa da sabedoria.

Artemisia. Celebre Rainha da Caria , mulher de Mausolo : sepultou em seu peito as

cinzas de seu marido, tomando-as em chá ou caldo.

Asia. Segunda parte do mundo, que corre do mar Vermelho que'a divide da Africa para o Oriente até á China: os povos que a habitação chamão-se Orientaes.

Atlanta. Duas heroínas gregas houve d'este nome: huma filha de Esquimen, mui agil, que disputava com os moços quem seria capaz de alcança-la na carreira para ser seu esposo; outra, filha de Jasio, Rei da Arcadia, insigne caçadora, que não temia, antes matava javalis.

Bacha. Governador turco de provincia.

Bander-abawy. Comarca do Yemen.

Batavia. Colonia hollandeza na ilha de Java, capital de todas as suas colonias na Oceania ou mar das Indias.

Berbice. Colonia hollandeza na Goyanna.

Basilea. Rio de Janeiro, capital do Brasil.

Cadix. Cidade da Hespanha no estreito de Gibraltar, por onde entra o mar Oceano para o Mediterraneo.

Caheu. Café em lingua turca.

Campo Grande. Districto a Oeste do Rio de Janeiro.

Canastra. Montanha a mais alta da cordilheira maritima do Brasil da parte do Sul.

Cangueiros. Negros que no Rio de Janeiro carregão os fardos do commercio para os depositos e armazens.

Cayena ou Goyanna. Capital das colonias francezas na America ao norte do Pará.

China. Grande Imperio chamado Celeste, nos confins da Asia, onde nasce o chá.

Constantinopla. Capital do imperio turco ao Oriente da Europa.

Dacier. Douta franceza, filha de Mr. Dacier: tomou na Universidade o grau de doutora, e foi mestra das princezas de França.

Dervik. Frade ou ermitão da lei de Mafoma.

Egypto. Grande região da Africa: tem pelo Norte o mar Mediterraneo, e pelo Oriente o mar Vermelho.

Ethiopia. Região ao Norte da Africa.

Eunucos. Negros castrados e terrivelmente feios, que servem de guarda e de pagens ás damas musulmanas.

França. Grande Reino no centro da Europa.

Georgia. Provincia do Reino da Circassia a Sueste da Russia, onde as mulheres são mui formosas: seguem a Religião Christãa do rito grego, e por isso consideradas como escravas pelos turcos que as comprão a quem as furta e vende em Constantinopla.

Gran Senhor. O Imperador da Turquia.

Gran Visir. Ministro de Estado em Constantinopla.

Gequitibá, Ipé, Peroba. Grandes arvores e madeiraços do Brasil.

Goyanna. Colonia hollandeza na America ao Norte do Pará.

Harem. Repartimento da casa do Turco, onde morão as mulheres debaixo de chave, e da guarda dos eunucos.

Hespanha. Reino da Europa entre Portugal e a França. Os seus lavradores forão antigamente obrigados a plantar certo numero de amoreira, ou a pagar a multa de cem réis por cada huma.

Hollanda. Reino da Europa no mar do Norte, confina com a Prussia, o Hanover e a Belgica.

Hourizes. Moças de admiravel belleza, com quem os Turcos crem que hão de viver no outro mundo.

Imamato. Quer dizer governo provinciano, arabe.

India. Região da Asia a Oriente da Persia.

D. João V. Rivalisando com Luiz XIV despendeu em Portugal grande magnificencia e luxo: d'elle disse Voltaire que as suas festas erão procissões, seus edificios mosteiros, e suas amantes as freiras.

Irajá. Districto a Oes-noroeste do Rio de Janeiro.

Ispahan. Antiga capital da Persia na Asia.

Luiz XIV. Grande rei da França, em cujo tempo brilhárão as armas, as letras, a civilização, e a magnificencia na França.

Lima. Capital do Perú na America, onde os Hespanhoes calçárão de barras de prata a rúa por onde ia passar o duque de La Plata, que foi de Hespanha a governa-los em 1682.

Londres. Capital da Inglaterra.

Madrid. Capital da Hespanha.

Marselha. Cidade maritima da França da parte do Mediterraneo.

Martihica. Ilha da America no archipelago Columbiano, pertence á França.

Mexico. Ex-colonia hespanhola no continente d'America do Norte, onde nasce o cacáu de que se faz o chocolate.

Meka. Cidade da Arabia, onde se achá o tumulo de Mafoma, que todo o mahometano tem obrigação de visitar ao menos huma vez em sua vida (se quizer ir para o céo), e quando lá vai leva grandes esmolás aos derviks do templo.

Myrmidona. Antigo Reino da Grecia, d'onde veio Achilles com seus soldados combater

os Troianos, e ali se abarbou com elle a valente Panthasilea.

Moka. Cidade maritima da Arabia na costa do mar Vermelho, para onde vem do interior o café, que d'ahi se exporta.

Muphti. Pontifice da lei de Mafoma.

Musulmanas. Mulheres da Turquia.

Nayades. Nymphas que presidem ás fontes e rios.

Nantes. Porto de França no mar Oceano.

Napeas. Nymphas que presidem ás florestas.

Nemours (mademoiselle de). D. Maria Francisca de Saboia.

Nictheroy. Mar escondido, bahía do Rio de Janeiro.

Notre-Dame. Nossa Senhora, magnifica igreja cathedral de Pariz.

Ophir. Antiga cidade da India, d'onde Salomão arrecadou o immenso oiro e riquezas que ostentou em Jerusalem.

Oriente e Orientaes. Paizes e povos da Asia.

Panthesilea. Rainha da Asia, que combateu contra Achilles na guerra de Troia.

Pão de Assucar. Alto rochedo pyramidal que está na barra do Rio de Janeiro, defronte da fortaleza de Santa Cruz: os navios passam entre elle e a fortaleza.

Pariz. Capital da França.

Pedro Alvares Cabral. General portuguez que indo para a India, veio corrido da tempestade avistar os montes Aymorés de Porto Seguro, e descobriu o Brasil.

Penelope. Mulher de Ullysses Rei de Ithaca: vendo-se perseguida de muitos príncipes, que a pertendião durante a ausencia de seu marido, prometteu aceita-los quando acabasse de bordar hum véo, e para nunca acabar desmanchava de noite o que fazia de dia.

Persia. Grande região da Asia, abundante de riquezas, aromas, essencias de rosas, &c.

Polonia. Paiz da Europa entre Allemanha, Russia e Austria.

Prata. Grande rio da America do Sul; córre entre as duas republicas do Uruguay e de Buenos Ayres.

Propheta. Mahomet ou Mafoma, impostor que, fingindo-se enviado de Deus, fundou a religião do seu nome, a qual he huma monstruosa mistura do Christianismo e Judaismo, permite aos homens terem muitas mulheres, cousevando-as na mais idiota iguorancia e servilismo.

Pyramides. São tres grandes palacios, que parecem montanhas, de figura pyramidal, sem portas nem janellas, construidos pelos antigos Reis do Egypto.

Roxana. Moça predilecta ou favorita do harem de Usbek, fidalgo da Persia. Veja-se Montesquieu, *Cartas Persicas*.

Samora. Montanha a mais alta da cordilheira maritima do Brasil da parte do Norte.

Sanaa. Comarca do reino do Yemen na Arabia, onde o café nasce naturalmente.

Sapho. Moça grega de muito saber, eloquencia, poesia.

Saquarema. Districto ao-Norte do Rio de Janeiro.

Semiramis. Rainha da Assyria, e celebre conquistadora.

Siberia. Vasta região da Russia. cujas minas assaz ricas, são escavadas por presos que o governo n'ellas emprega.

Solon. Legislador da Grecia, instituiu o culto de Venns que em consequencia teve hum templo esplendido em Gnido, outro em Paphos, Cithera, &c.

Surinam. Porto da Goyanna hollandeza na America ao norte do Pará.

Suruhy. Districto a Noroeste do Rio de Janeiro.

Syria. Grande paiz da Asia da parte do mar de Constantinopla.

Tchebuk. Significa em lingua turca o cachimbo.

Tejo. Rio e barra de Lisboa em Portugal.

Tieté. Grande rio do Brasil na provincia de S. Paulo.

Tocantins. Grande rio do Pará.

Tournesol. Celebre botanico francez.

Tropicós. Climas que estão debaixo do giro do sol.

Turgot. Ministro da fazenda da França no reinado de Luiz XIV.

Usbek. Principe da Persia: veja-se Montesquieu, *Cartas Persicas.*

Yemen. Reino da Arabia da parte da Syria e mar Vermelho, onde nasce e se cultiva o café que se exporta pelo porto de Moka.

Zenobia. Famosa Rainha de Palmyra, cidade fundada por Salomão.

FIM.



L Bras

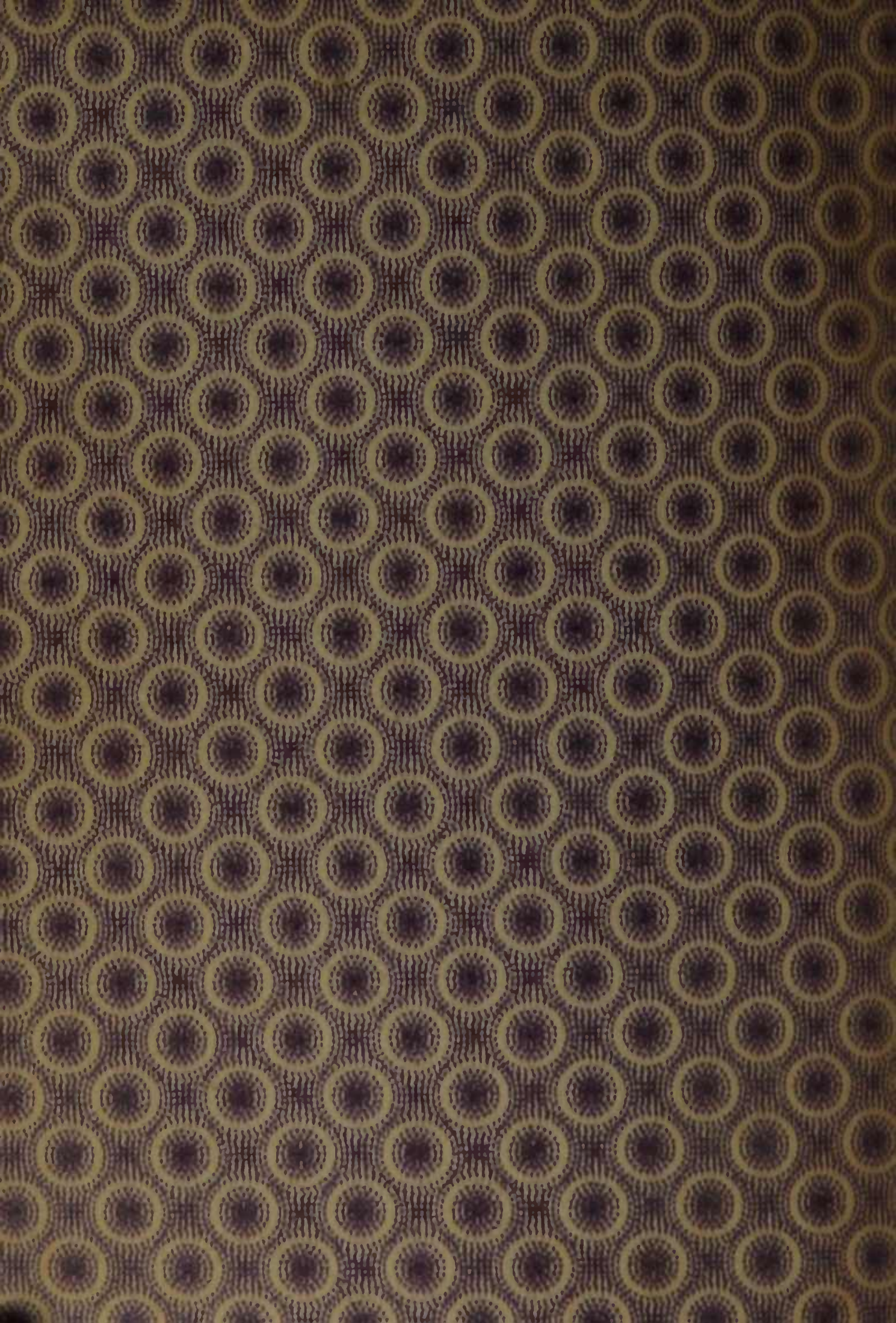
fress - 1^e ed

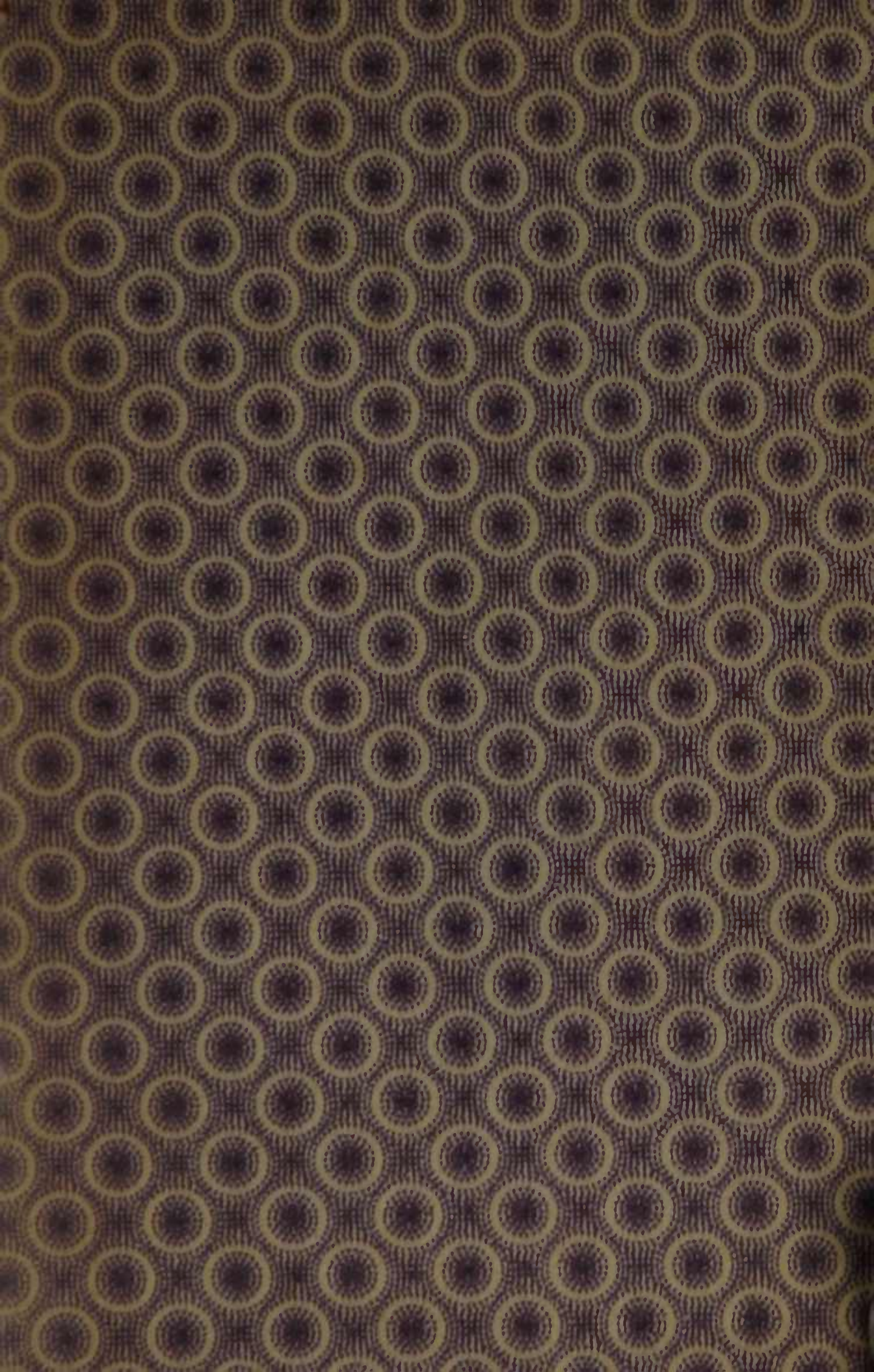
1^e remane

publ: no Br.

Ran

LB





BRASILIANA DIGITAL

ORIENTAÇÕES PARA O USO

Esta é uma cópia digital de um documento (ou parte dele) que pertence a um dos acervos que participam do projeto BRASILIANA USP. Trata-se de uma referência, a mais fiel possível, a um documento original. Neste sentido, procuramos manter a integridade e a autenticidade da fonte, não realizando alterações no ambiente digital - com exceção de ajustes de cor, contraste e definição.

1. Você apenas deve utilizar esta obra para fins não comerciais. Os livros, textos e imagens que publicamos na Brasiliiana Digital são todos de domínio público, no entanto, é proibido o uso comercial das nossas imagens.

2. Atribuição. Quando utilizar este documento em outro contexto, você deve dar crédito ao autor (ou autores), à Brasiliiana Digital e ao acervo original, da forma como aparece na ficha catalográfica (metadados) do repositório digital. Pedimos que você não republique este conteúdo na rede mundial de computadores (internet) sem a nossa expressa autorização.

3. Direitos do autor. No Brasil, os direitos do autor são regulados pela Lei n.º 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998. Os direitos do autor estão também respaldados na Convenção de Berna, de 1971. Sabemos das dificuldades existentes para a verificação se um obra realmente encontra-se em domínio público. Neste sentido, se você acreditar que algum documento publicado na Brasiliiana Digital esteja violando direitos autorais de tradução, versão, exibição, reprodução ou quaisquer outros, solicitamos que nos informe imediatamente (brasiliiana@usp.br).